Num. 336 Sabbado 5 de Dezembro de 1914 Anno VII

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

O EX-LEADER NAUFRAGOU

— Ir salval-o ?... E' muito altruismo. O mar está forte e todo "minado"

FIDALGA
CERVEJA
DA MODA

A' porta do Paschoal

— Então as cousas como vão com a mudança de governo? Sabes alguma novidade?

— As cousas ainda não estão pretas, mas, estão correndo o risco de ficar com esse aspecto.

— Por que?

— Consta que o Hemeterio, bem empistolado, está cavando a Directoria da Instrucção Publica.

ACTIVIDADE

— Foi o senhor que annunciou que precisava de um *chauffeur*?

— Sim senhor.

— Pois eu sou *chauffeur*.

— O senhor?

— Sim senhor.

— Mas com certeza o senhor não me serve.

— Por que?

— O senhor tem aspecto de pessôa de pouca actividade.

— Eu! ora essa! Pois a respeito de actividade pode haver tão bom quanto eu, melhor é que não. Imagine o senhor que, quando me acontece atropelar um transeunte, fujo com tal actividade que não ha fiscal de vehiculos que me tome o numero.

Crise

— *Crise?! Sim, crise de amôr...*

Entre genro e sogro

O genro (tomado de colera): — Agora que estamos sós, deixe-me desabafar! Não posso conter por mais tempo o desespero que me vae n'alma! Sua filha é uma creatura inaturavel! O senhor não pode imaginar o que me tem feito soffrer! Tem um genio de féra!

O sogro (sorrindo, calmo, babado de goso): — O senhor meu genro não faz ideia na sympathia com que o estou escutando. Eu imagino quanto deve estar passando...

O genro (surpreso): — Será possivel!?

O sogro (abraçando-o): — Ah! meu amigo o senhor se esquece de que eu sou casado com a mãe d'ella...

KEEP IN A
Dioxogen
TRADE MARK
A POWERFUL
ANTISEPTIC AND DISINFECTANT
FOR INTERNAL AND EXTERNAL USE
INODOROUS AND HARMLESS
THE OAKLAND CHEMICAL CO.
NEW YORK

Redacção e Officinas: — Rua da Assembléa, 70 — Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS
ANNO . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . . . 8$000

NUMERO AVULSO
CAPITAL. . . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . . 400 Rs.

END. TELEG. KÓSMOS

TELEPHONE N. 5341

N. 337 — RIO DE JANEIRO — SABBADO — 5 — DEZEMBRO — 1914 — ANNO VII

Bons signaes

Os jornaes noticiaram um caso vulgar que teve um desfecho singular.

Um coronel do exercito — o commandante do 49º de caçadores, estacionado em Recife, — estava intervindo na politica do Estado, contra o governador Dantas Barreto, em favor do conselheiro Rosa e Silva.

Ao illustre conselheiro muito devia ter penhorado o appoio actual do commandante do esforçado batalhão que ajudou a depor, nas vesperas da eleição, o seu representante no governo estadoal.

Si, no caso presente, o commandante do 49º de caçadores se limitasse a fazer opposição ao governo pernambucano apenas como cidadão no uso dos seus direitos civis e politicos, ninguem se atreveria a molestal-o.

Parece, porém, que o coronel fazia opposição como commandante do 49º em vez de fazel-a como simples cidadão. O governador de Pernambuco representou ao governo federal contra a attitude perigosa do militar politico e este foi removido para outra guarnição.

O governo federal deu a esse caso a unica solução acertada. Cortou o mal pela raiz. Fez sentir ao povo que está encerrado o periodo dos interventores.

O general Pantaleão Telles, não estando de accordo com o proceder do governo federal nessa questão, dirigio um telegramma ao Sr. Wenceslão Braz, expondo-lhe uma opinião que não lhe fôra solicitada.

O Presidente da Republica respondeu com uma brandura que, dados os nossos costumes politicos, pode ser chamada — energia.

Respondeu ordenando ao importuno general que cumprisse as ordens recebidas, dizendo-lhe, por fim, que se dirigisse, noutra occasião, á autoridade competente, que é o Ministro da Guerra.

Por essa resposta, o Sr. Pantaleão Telles ficou sabendo que os tempos são outros e que o general Dantas Barreto não vai ser deposto.

O Sr. Presidente da Republica soube manter deante de um general a firmeza que manteve deante de um coronel.

O Ministro da Guerra, depois desses incidentes, dirigio um telegramma aos Inspectores das Regiões Militares, pedindo-lhes que não se valham das suas posições officiaes para intervir na politica.

Esse bello gesto, que deveria ter animado e alegrado aos verdadeiros militares ciosos do brio da sua classe, demonstra que o ministro secunda com energia a feliz iniciativa do Presidente.

Um juiz, o juiz federal do Ceará, reclamou a intervenção do centro para fazer executar uma sentença.

Esse pedido teve a vantagem de fornecer margem ao governo, para definir a sua conducta nos casos analogos.

O governo, por intermedio do Ministro da Justiça, declarou que adopta o systema do Presidente Affonso Penna de só attender ás requisições que forem feitas por intermedio do Supremo Tribunal Federal, que, antes de fazel-as, julgará da legitimidade d'ellas.

Fica, pois, affastada, neste quatriennio, a hypothese do bombardeio de uma cidade para cumprimento de um mandado judiciario.

Si o novo Presidente perseverar na pratica de actos congeneres, não lhe faltarão os applausos da gente honesta.

Grande manifestação a Ruy Barbosa

Depois de ter sido transferida, foi, afinal, realisada, com grande imponencia e em perfeita ordem, a manifestação popular ao senador Ruy Barbosa.

Essa manifestação tinha sido annunciada para o dia 9 de Novembro mas veio soffrendo successivas transferencias até á data em que se realisou, pois o senador Ruy Barbosa não tinha grande vontade que ella se realizasse, temendo que o povo approveitasse a opportunidade para demonstrações hostis a certas individualidades politicas.

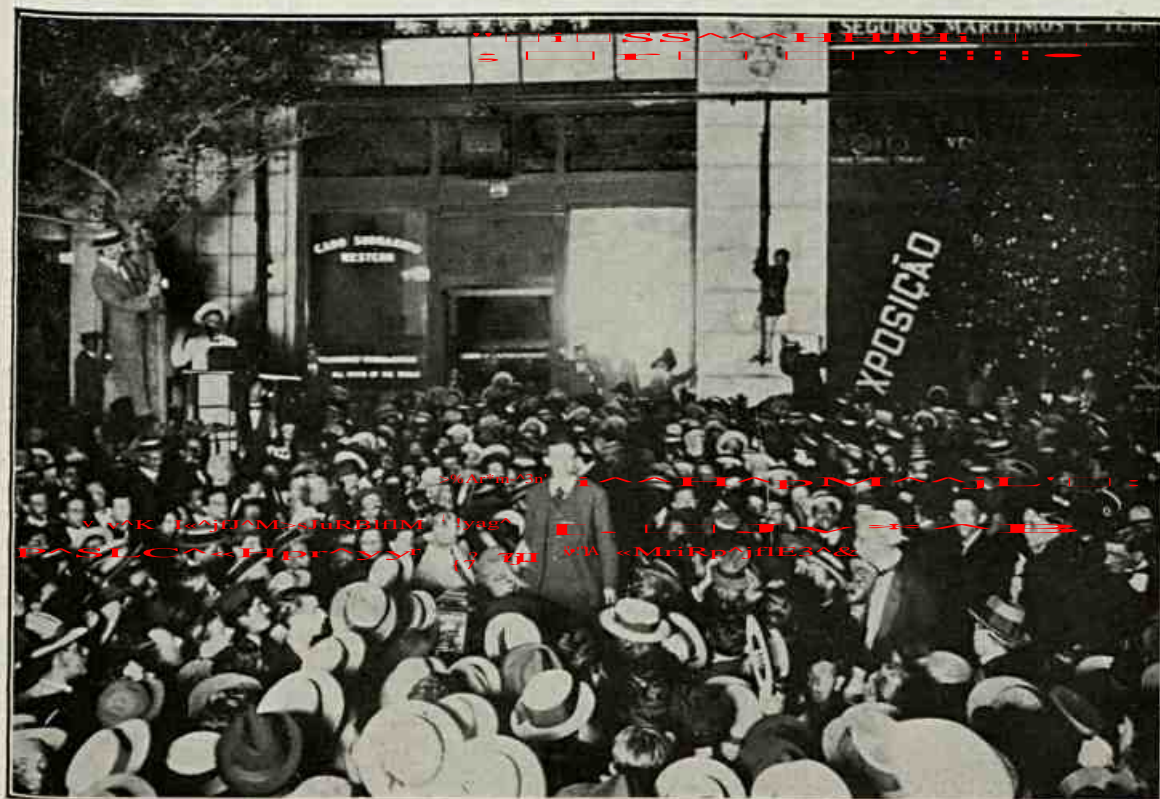
Si a grande festa tivesse se realisado em 9 de Novembro, certamente os elementos de desordem, que então imperavam, teriam provocado e promovido disturbios.

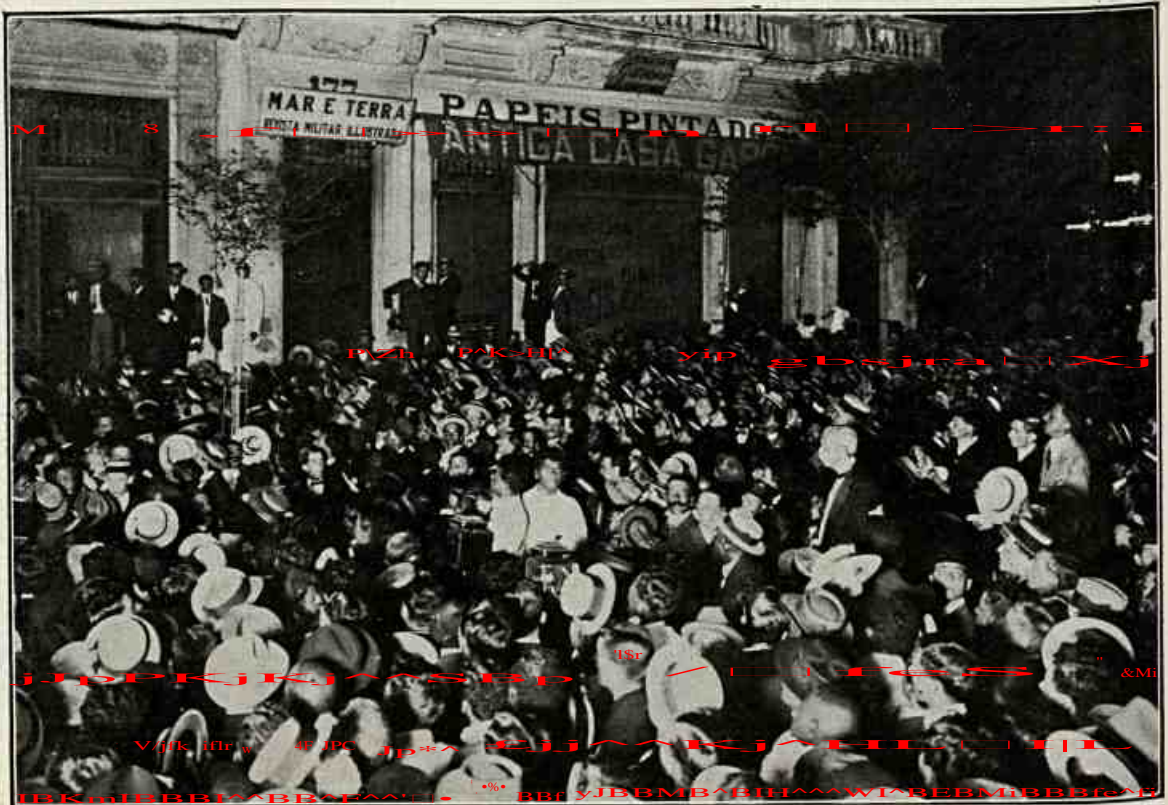
Felizmente, as cousas correram com tranquillidade. Da magestade imponente dessa esplendida consagração, melhor do que quaesquer palavras, dão conta as nossas photographias.

O senador Ruy Barbosa sahindo de sua residencia, ao lado de sua esposa, para receber a manifestação

O eminente senador, cercado do povo, escutando um discurso

Grande manifestação a Ruy Barbosa

O povo esperando o illustre Senador na Avenida Rio Branco, em frente ao palacio Monroe.

O povo, na Avenida Rio Branco, em frente ao "Jornal do Commercio", cercando a carruagem do eminente cidadão.

Grande manifestação a Ruy Barboza

Passagem do excelso tribuno pela Avenida Rio Branco, em frente ao "Seculo"

FEUILLETS PRINTANIERS

De Paris, Octobre, 1914

Tandis que le tambour roule, au loin, que le canon tonne, que les balles sifflantes font pencher les têtes des soldats, dans les hôpitaux aux rideaux blancs, il est des femmes tout de blanc vêtues elles aussi, qui, ombres discrètes et protectrices, passent, silencieuses, autour des lits où gisent ceux que l'ennemi atteignit. Voulant payer leur dette à la Patrie, elles sacrifient leurs sentiments, elles brisent momentanément leurs lieuis de famille, leurs amitiès, elles anéantissent leur vie même et ne s'appartenant plus, volontairement mobilisées, elles sont là où les blessures les appellent et d'une main agile les pansent tandis que d'un mot, d'un regard, d'un sourire, elles apaisent les plaies du cœur.

Ces femmes sublimes de tendresse, de sollicitude, de simplicité, ces êtres exquis de discrétion et de dévoûment, qui n'ont plus ni haine ni jalousie, qui perdent leur rang social, ces âmes maternelles qui bercent les douleurs des enfants merveilleux d'héroïsme en oubliant la leur, ce ne sont pas des infirmières mais les infirmières, les vraies, celles qui s'élèvent au-dessus des misevreries féminines, celles, qui, délaissant la coquetterie et le désir de plaire inné chez la femme, ne vivent que par leur cœr, ce cœur qu'elles gardent entier tout en le partageant également entre chacun de leurs blessés.

Mais, avouens-le, bien que nombreuses, ces femmes d'élite sont assez rares et plus nombreuses encore sont toutes celles qui, de l'infirmière, n'ont que le costume seyant. Combien avilissent cette œuvre admirable de dévoûment et d'abnégation par leurs procédés mesquins, par la bassesse de leur âme, par leurs calculs, vils ; combien qui, dans l'hôpital même, osent melanger, l'odeur des parfums à celle du chloroforme et s'occupent d'une mèche rebelle ou d'une boucle folle alors que gémit le blessé...

Combien y-en-a-t-il de ces pseudo-infirmières qui cherchent la blessure la plus aisée à soigner et passent, vivement, devant le moribond aux blessures gangrenées pour s'arrêter longuement, flirteuses et trop mondaines, au chevet de l'officier, dejà convalescent.

Souvent coiffées d'un bonnet de vraie dentelle, la blouse impeccable venant du bon faiseur, la chaus-

sure de daim blanc gantant le pied cambré, sortant furtivement un miroir minuscule pour le consulter, fière de porter la seyant coiffure au voile bleu, elles arborent l'insigne de la Croix-Rouge dont elles sont indignes et jettent le discrédit sur cette œuvre magnifique d'humanité et de grandeur d'âme.

Cet insigne, elles le portent par prestige, par snobisme, inconscientes, la plupart, du crime moral qu'elles commettent. Que peuvent valoir celles qui ne doivent leur titre qu'à une somme versée et qui ne savent pas même donner leur obole puisqu'elles ne peuvent pas donner leur cœur. Que pensez-vous, chères lectrices, de ces poupées gracieuses mais frivoles que n'essayant pas de cocher leur émoi devant la grave blessure, qui ne répriment pas le mouvement de répulsion alors qu'elles étanchent la plaie gangrenée, qui se refusent à donner certains soins ? ne sont-elles pas comme des soldats qui reculeraient devant le feu de l'ennemi ?

Et quel dédain doivent ressentir les vraies infirmières de la Croix Rouge, et leurs admiratrices nombreuses à la vue de ces élégants mannequins qui déshonorent la livrée de l'Infirmière et qui oublient que leur unique devoir est d'être la domestique, et ce qui plus est, l'esclave du valeureux blessé.

Plus la plaie est laid, affreuse, et plus elle doit attirer celle qui la soigne.

Un excuse peut être donnée à toutes celles qui ne sentent la beauté de leur tâche, c'est que jeunes encore, sans doute, elles n'ont pas souffert encore et l'être humain, a dit le grand poète, est comme ces arbres qui ne donnent leur baume que si le fer les incise ; il ne donne le baume de son cœur que si lui même a profondément souffert.

Triste et dure loi, sans doute, mais combien vraie.

LUCE HELLER

Os nossos humuristas

Um pobre diabo que não tinha onde cahir morto contava um episodio que lhe succedera.

— Então agarrei a campainha e toquei-a chamando o creado.

— Quem ? Você ? Mas se você não tem creado !

— Sim, mas tenho campainha.

REMENDOS

PINHEIRO — Raio o parta. O pescador de Itajubá arrebentou-me o arrastão

ANTUERPIA

Marinheiros da Brigada Naval ingleza, um dos quaes ferido

imperecíveis victorias. Os portuguezes foram sempre esplendidos soldados. Os seus triumphos na Africa, tão ridicularisados por quantos não conhecem o genero de guerra africano, não são inferiores aos dos outros povos conquistadores. Os allemães não conseguiram submetter os *herreros*, e os portuguezes os reduziram á impotencia... No entanto, todos conhecem o valor e a tenacidade do allemão e raros são os que não zombam da força militar da Luzitania... Vencido ou vencedor, Portugal, pelo heroismo de seus filhos, não fará figura vil entre os seus poderosos alliados...

Os grossos *canhões allemães*, no dizer de uma *revista ingleza*, são legitimos *canhões austriacos* e foram *emprestados* ao exercito *allemão* para serem uzados contra as fortalezas casamatadas de *Maubege, Liege* e *Namur*, bem como contra os fortes de *Antuerpia*. Esse não seria o primeiro emprestimo feito pela *Austria* ao *Imperio Allemão*, pois a *flôr* do exercito austriaco, em numero de *450.000 homens*, foi incorporada ao exercito allemão que, sob o commando do Grão-*Principe*, operou na região de *Nancy*. Comtudo, é de extranhar que sendo *austriacos* os famosos canhões *allemães* de 42 centimetros, os *austriacos* não os tenham empregado no bombardeio de *Belgrado*, que tanto trabalho e tanta gente lhes custou.

* * * Portugal, entra, emfim, na guerra. Fez mal? Fez bem? Aos portuguezes, e não a nós, compete responder. Nós podemos, apenas, considerar que a intervenção portugueza na grande guerra européa significa, ou parece significar, que Portugal é um paiz internacionalmente vivo. A alliança luso-ingleza é mais velha do que a nacionalidade brasileira e nem sempre mereceu o appoio unanime dos portuguezes. Nos nossos tempos coloniaes, emquanto Dom João VI, de accôrdo com a politica commercial da Inglaterra, lançava as desaproveitadas bases da nossa prosperidade, e as heroicas tropas do reino lusitano conjugavam os seus esforços com os inglezes contra os soldados de Napoleão, uma brilhante *Legião Portugueza* engrossava as fileiras do exercito do immortal imperador e contribuia heroicamente para as suas

ANTUERPIA

Destacamento inglez fornecendo munições a uma trincheira belga

ELEGANCIA E ARTE

Sra. Stella de Carvalho Duval, cercada de amigas e discipulas, na festa do seu anniversario

DIALOGO

Avenida Rio Branco. Um joven dramaturgo e um velho musicista, na esquina da rua 7 de Setembro, melancolicamente, trocam idéas.

O DRAMATURGO — Este nosso paiz está completamente perdido.

O MUSICISTA — E nada ha capaz de salval-o.

O DRAMATURGO — De resto, meu caro amigo, a vida é uma cousa estupida e este mundo não merece que lhe consagremos o minimo esforço.

O MUSICISTA — E' exacto. A vida é uma indignidade e o mundo é uma estupidez.

O DRAMATURGO — Eu ligo tão pouca importancia aos homens que ha dois dias estou com uma carta no bolso e ainda não a abri. (*Mostra a carta.*) (*Vamos ver quem é o imbecil que me escreve.* (*Abre o envolucro, desdobra uma folha de papel e lê, baixo, o nome de um emprezario*). E' de um companheiro de infancia. Com licença. (*Lê, baixo: «resolvi montar a sua peça, pago-lhe um conto de réis por cada representação»*) E' uma cousa sem importancia. (*Relê a carta em voz baixa.*)

O MUSICISTA — Que será isto? (*Apanha do passeio uma carteira.*) A minha carteira queria fugir. E' porque está vasia. (*Abre-a. Vê um grande maço de notas. Fecha precipitadamente a carteira e mette-a no bolso.*) Esta carteira pertenceu ao meu bisavô. Por isso é que a conservo.

O DRAMATURGO — Este nosso paiz está fadado para grandes destinos.

O MUSICISTA — Eu tenho as maiores esperanças no futuro desta bella patria.

O DRAMATURGO. E dizer que ha individuos que amaldiçoam a vida e acham o mundo mal organisado.

O MUSICISTA — Oh, meu amigo, quem são esses negadores? Uns imbecis!

O DRAMATURGO (*mentalmente*) — Os imbecis que não vendem peças aos emprezarios.

O MUSICISTA (*mentalmente*) — Os infelizes que não acham carteiras na rua.

Impresso na typographia Minerva, de Assis Bezerra, appareceu em Fortaleza, capital do Ceará, o poemeto a que o Sr. Liberato Nogueira deu o titulo de *Os quadrilheiros de casaca e luvas de pellica.*

Os turcos, tendo declarado a *guerra santa*, mandaram sequestrar todos os estabelecimentos religiosos inglezes e francezes existentes na Palestina.

Figuras e cousas de outras terras

O GENERAL VON HINDENBURG é hoje um dos idolos do exercito allemão. Talvez mesmo seja o unico idolo militar a quem as tropas kaiseristas veneram. A sua biographia, recordada, a pouco tempo, com brilho de phrase, por um dos nossos chronistas, encerra paginas bizarras, de uma originalidade marcialmente allemã. O GENERAL sempre teve grande predilecção por essa paludosa região dos lagos em que se abysmaram as hostes moscovitas que pretenderam sitiar Koenigwsberg. Elle a conhecia e estudava, como si lhe advinhasse, ou destinasse, um grande papel em futuro proximo, na defeza militar da Prussia Oriental, na hypothese, que os factos demonstraram não ser absurda, de uma lucta com a Russia. Ha tres annos, a região dos Lagos foi escolhida para sitio das manobras de outonno para o Exercito Allemão, o qual foi partido em duas divisões, ficando uma sob o commando pessoal do IMPERADOR GUILHERME II e a outra sob a direcção do GENERAL VON HINDENBURG. O resultado das operações foi contrario á divisão chefiada pelo kaiser, que atacado pela frente e pelos flancos e tendo um pantano intransponivel na rectaguarda, não poude desdobrar convenientemente as suas columnas e, por isso, mandou dar o signal annunciando o fim das manobras. No theatro dessas operações, o KAISER começou a receber dos seus generaes os vivos parabens pela *sua victoria*. Não podendo conter-se, o general von HINDENBURG disse: — Si hoje tivessemos combatido de verdade, eu teria a honra de haver aprisionado a V. M., com todos os seus soldados. O KAISER não lhe repondeu no momento: — mezes depois mandava reformal-o. Quando se declarou a guerra actual, o *homem dos Lagos*, offerecendo os seus serviços, foi repellido. Depois que sangrentas derrotas, seguidas de mudanças de generaes, abriram o territorio prussiano á invasão russa, o KAISER, em desespero de causa, deu o commando de um exercito ao GENERAL VON HINDENBURG. A' testa desse exercito, o grande general travou a batalha dos Lagos Masurianos, na qual os russos, completamente batidos, entregaram-se em numero de 97.000 homens. Actualmente, o *homem dos lagos* commanda, na linha atacada pelos russos, a ala esquerda do GRÃO-PRINCIPE.

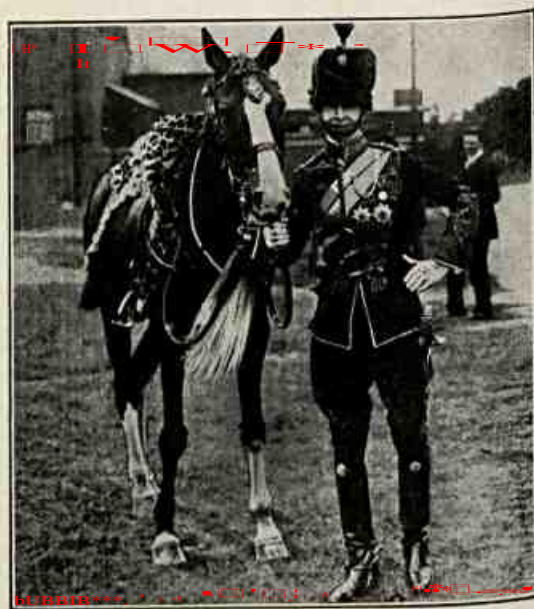
Os nossos amigos

— Então não acreditas na amizade ?

— Francamente, não acredito.

— Porque ?

— Para mim a amizade é como esses frageis guarda-chuvas que viram ao avesso quando sopra o temporal.

A GUERRA

O Grão-Principe Frederico Guilherme, herdeiro da corôa real da Prussia e do sceptro imperial da Allemanha, commandante em chefe dos exercitos austro-allemães que operam contra a Russia.

Promovida pela Associação Brasileira de Estudantes e presidida pelo conselheiro Ruy Barbosa, realisou-se na Bibliotheca Nacional, na noite de 25 do corrente, a conferencia do professor Aloysio de Castro, a qual versou sobre «a medicina e os classicos antigos.»

O joven professor é um medico eminente e um escriptor de provada competencia. E' o herdeiro legitimo e o feliz continuador da gloria intellectual de Francisco de Castro, de quem tambem herdou o fecundo talento e o amôr extremado ás sciencias e ás lettras.

O professor Aloysio de Castro é, hoje, um dos mais profundos conhecedores da pura lingua portugueza, na lidima belleza da qual, trabalhando-a a primôr, vasa os seus elevados pensamentos.

A brilhante conferencia, que foi consagrada pelos applausos de um auditorio fino e intellectual, apparecerá, certamente, em volume.

* * *

Inaugurou-se, na enseada da Tapera, o monumento erguido á memoria dos officiaes victimados, á bordo dos navios reclamantes, em Novembro e Dezembro de 1910.

Não sabemos a que esculptor a marinha deve a concepção e a execução do novo monumento, nem em que condições de arte foi elle vasado e levantado.

Nos outros paizes, nos paizes de velha civilisação em que as obras de arte são as cathedraes de Reims e Colonia, as torres de Toledo e Pisa, as estatuas de Pedro, o Grande ou do duque de Malbourog, quando os governos ou as classes querem perpetuar feitos e nomes que não devem ser esquecidos, dirigem-se aos artistas e abrem concursos em que ao lado da fama consagrada dos mestres victoriosos pode apparecer algum joven genio desconhecido. As obras de arte destinadas a qualquer consagração de caracter official, e consequentemente nacional, são creações dos artistas.

Aqui, de ordinario, um ministro ou um presidente de commissão glorificadora chama a um artista qualquer da sua predilecção e encommenda:

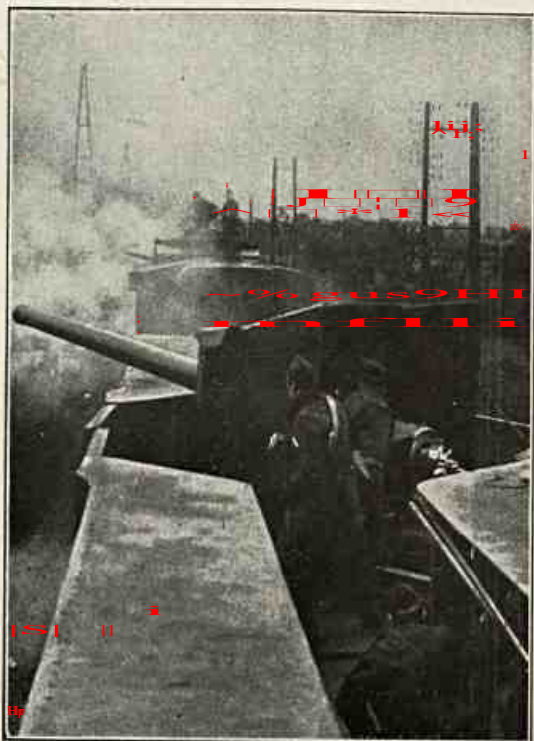
— Você fica encarregado de fazer a estatua de Beltrano. Olha, nós queremos uma cousa assim e assim...

Não sabemos se foi feita em taes condicções a columna de Baptista das Neves e oxalá que lhe não sejam applicaveis estes reparos.

Reminiscencias

— E V. Ex. sentia por esse cavalheiro vibrar o vosso delicado coração?

— Não era bem isso. A presença d'esse homem causava-me um bem estar inexplicavel. Era um modesto, quasi rúde, mas era empregado n'uma casa de joias e pelas suas mãos passavam perolas tão lindas...

A GUERRA

A artilharia de um trem blindado, que, depois de ter auxiliado a defesa de Antuerpia, atravessou a fronteira franceza.

O *general Pinheiro Machado*, dizia uma dama respeitada pelo seu fino espirito, é um homem que merece piedade pois não tem a coragem que os seus amigos lhe emprestam, sem o protesto dos seus inimigos. Não digo que, pessoalmente, num combate singular ou numa linha de batalha, o senador não seja capaz de bater-se como um leão, ou como uma raposa. O que eu affirmo, é que lhe falta a coragem para praticar esses pequenos actos em que tambem se revella a energia das fortes individualidades. O general usa uma cabelleira incommoda e ridicula, uma gaforinha que lhe dá escalda-pés na cabeça, e não a derriba, não manda tosal-a, — disso tenho eu certeza, — pelo temor de parecer que cedeu aos reparos hygienicos dos jornaes opposicionistas. Coitado! Com este calor, aquella cabelleira!...

COLHENDO

Na noticia que da novella deste nome demos em o numero passado, sahiu escripto, por lapso de revisão:

«O romance é *preparado* pelo Sr. conde de Affonso Celso, que nelle accentúa, etc» quando tinhamos escripto:

«O romance é *prefaciado* pelo Sr. conde de Affonso Celso, etc». o que aliás pelo sentido facilmente se verifica.

Numa redacção, esteve um homem e entregou um envelloppe fechado, dizendo que era um conto enviado por um homem de lettras, em cujo glorioso nome pedio a remuneração devida áquella fina litteratura. Deram-lh'a. Mais tarde, quando o secretario abrio o envelloppe, encontrou algumas tiras em branco. Deu um brado colerico mas o director do jornal, sorrindo, explicou:

— Não ha motivo para essa zanga. O homem não disse que especie de conto era, disse, apenas, que era um conto.

— Mas isso não é conto.

— Como não? E' o conto do vigario.

CIRCULEZ, MESSIEURS!

De quando em vez, na imprensa, surge quem pede á policia para adoptar no Rio, com o fim de desobstruir as ruas entupidas de cavalheiros parados ás esquinas ou ás portas de algum estabelecimento, o systema francez do *circulez, messieurs!*

O ultimo orgão que se manifestou reclamando a adopção dessa medida, foi *O Echo*, o nosso corajoso e sympathico confrade vespertino.

Ora, por mais que o desejassemos, não poderiamos, nesta questão, appoiar a reclamação da brilhante folha da tarde.

Ha, nesta cidade, um numero incontavel de cavalheiros, aliás bem vestidos, que não tendo cousa em que se occupem, estacionam nas ruas, onde se divertem discutindo a vida das pessoas e nações alheias, ou atirando grosseiros galanteios ás damas que passam desacompanhadas.

Si adoptarmos o *circulez, messieurs*, esses distinctos vagabundos ver-se-ão abarbados, ficando obrigados a trotar pelas ruas...

O TUBANTIA

Os officiaes francezes do "Kleber", dirigindo-se, em escaler, para o "Tubantia", detido em frente ao cabo Ouessant.

O TUBANTIA

Os marinheiros francezes de guarda á bordo do "Tubantia", em Brest.

Em 1898, na cidade do Rio Pardo, no salão que foi do glorioso general Andrade Neves, o Sr. Carlos Maximiliano, que ainda não era ministro mas já era *Chimarrita*, venceu, num torneio litterario, o actual tenente, então cadete, Estigarribia Martins.

O *Dr. Chimarrita*, uma das esperanças dos inimigos do general Pinheiro Machado, estando de passagem pela formosa cidade cuja decadencia as aguas do Jacuhy harmoniosamente banham, assistia a recepção que se realisava, em sua honra, no antigo palacete do Barão do Triumpho.

Lá pelas tantas, ao som da *Dalila* executada por uma gentil senhorita, o *Dr. Chimarrita*, que se offerecera para recitar e solicitára aquelle acompanhamento, recitou o *Fiel*, de Guerra Junqueiro, e colheu os applausos á que a gentileza obriga os auditorios.

Em seguida, a pedido de diversas senhoritas, e tambem ao som da *Dalila*, Estigarribia Martins, com muito sentimento, declamou os versos celebres do *Amor e médo*, de Casimiro de Abreu.

Como os applausos que consagraram o recitativo de Estigarribia não foram somente os da gentileza, mas tambem os do enthusiasmo, o *Dr. Chimarrita*, sentindo-se ferido nos seus melindres de jornalista da opposição, voou para o piano e, com facundia soberba, discursou a *Lagrima*, de Guerra Junqueiro, cujas estrophes, naquella occasião, rechinavam como o eixo de uma carreta, á passagem de um atoleiro. Novos applausos. O *Dr. Chimarrita* sorria, com ares de victorioso campeão de *box*.

Este seu ar victorioso encheu de ciumes o cadete Estigarribia que logo se atirou ao piano para arrancar lagrimas aos ouvintes, lamuriando o *Noivado do Sepulchro*, de Soares de Passos.

O humilde escriptor que traça estas linhas nunca assistio, nem espera assistir, a mais commovente espectaculo do que esse, pois os ultimos versos do bardo portuguez gemidos pelo cadete brasileiro soaram mesclando as suas rimas aos soluços das gentis donzellas, aos suspiros das veneraveis matronas, aos prantos dos dignos cavalheiros, ás palmas de toda gente.

Quando esse heterogeneo fragor cessou e pelo vasto salão reboavam, apenas, as notas estranguladas da *Dalila*, o *Dr. Chimarrita*, de olhos chammejantes, pallido e raivoso, pulou para o meio do aposento, e disse :

— *O Melro*, de Guerra Junqueiro.

Comprehendendo os perigos immensos d'aquelle torneio e querendo consagrar algum tempo á dansa, que tinha numerosos apreciadores na recepção, uma senhora com responsabilidades na casa, fez um signal ao *Dr. Chimarrita*, e pedio :

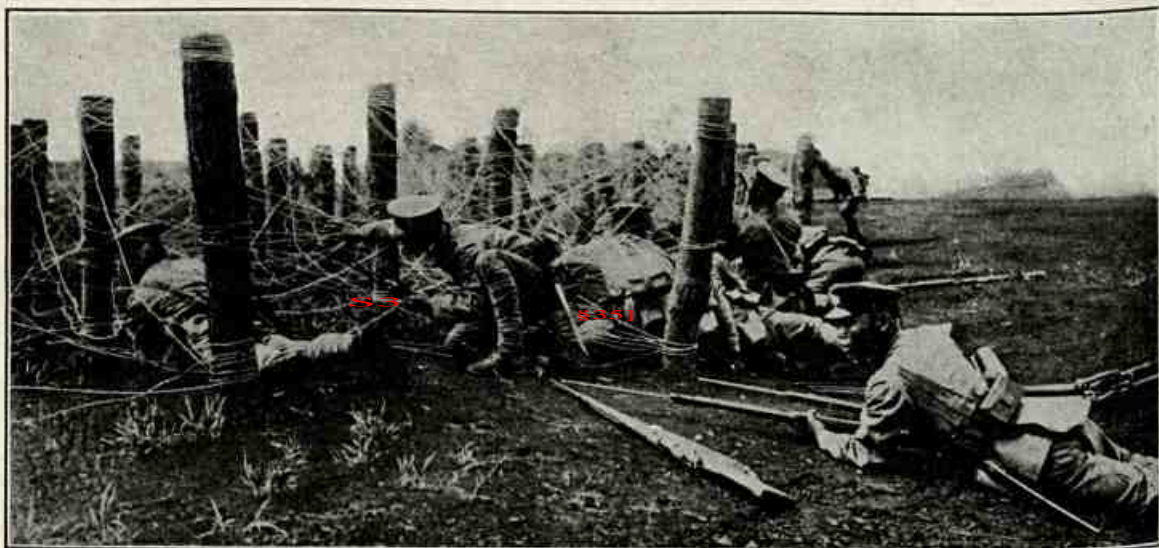
— Depois do chá, *Doutor*. Os seus recitativos são muito substanciosos e por isso mesmo devem ser ouvidos por estomagos fartos.

Servio-se o chá. O *Dr. Chimarrita*, com *O Melro* no ponta da lingua, dirigio-se para as bandas do piano, de cujas entranhas immediatamente sahio uma graciosa polka saltitante. Vinte pares, de prompto, sahiram saltitando ao som da polka.

A musica e a dansa não se interromperam até o fim da noite e por essa razão o *Dr. Chimarrita* não acabou de vencer o cadete Estigarribia.

O TUBANTIA

Exame, feito pelos officiaes francezes, nos papeis dos passageiros suspeitos. Ao alto, no tombadilho, na extrema esquerda, o dentista allemão Stellmam naturalisado brasileiro, que foi preso.

A GUERRA NO ORIENTE ASIATICO

A infantaria japaneza avançando atravez as linhas de arame farpado, em Kiao-Tchá

O DESPERTADOR

Eu estava num Hotel da Tijuca. Era o ultimo hospede que alli se accommodara.

Fatigado de trabalhos e intrigas, meio neurasthenico, sequioso de paz e isolamento, galguei aquella montanha com a resolução de descançar solitario, sem ouvir nem ver gente, como uma féra que se recolhe á selva.

Ainda não completara uma semana de residencia no fresco hotel quando uma vez, ás 24 horas, ou, pelo systema antigo, meia-noite, tendo perdido o somno, resolvi arejar-me passeando pelo corredor para o qual se abria o meu quarto.

Semi-vestido, penetrando o corredor, esbarrei, á meia-luz, num corpo humano, de que saio uma voz:

— Sou o n. 14. O senhor é o novo hospede, o do n. 18, não é assim ?

— Sim, sou o do n. 18.

Para que elle não me suppuzesse victima de alguma colica ou mettido nalgum caso illicito de amôr, expliquei :

— Perdi o somno. Vim tomar fresco no corredor.

O n. 14, espantado, exclamou :

— Ah! pensei que viesse por causa do despertador.

— Que despertador ?

— Não sabe ? Ainda não ouvio ?

— Nada sei, nada ouvi.

Chegaram mais dous hospedes — o do n. 15 e o do n. 16. Veio uma senhora, uma flautista loura, a do n. 17. Vinham por causa do despertador.

O n. 15, em colera, dizia :

— Qual ! Eu ainda arrombo esse quarto e espatifo esse despertador !

Explicou-me, o n. 16 :

— E' um despertador que começa a bater e só pára para recomeçar.

O n. 14 informou:

— Dizem que é um despertador especial. O relojoeiro da visinhança diz que elle está com a machina desarranjada. Eu acho que é um despertador maluco.

A senhora do n. 17 saltou :

— Despertador maluco ? Onde você vio isso ? Qual, minha gente ! Então os senhores acreditam que isso seja um despertador ?

— Que ha-de ser ?

— Eu não acredito em almas do outro mundo, mas olhe, visinho, quando escuto esse barulho de campainhas, por Deus que chego a pensar na alma de uma telephonista que morreu no começo desta rua.

Era 1 hora da manhã.

Nesse instante, no quarto n. 19 entrou a vibrar um estridulo tinir metalico que retinio até a 1 1/2.

O som era alto, claro, penetrante e tremulo.

A senhora do n. 17 fugira, rezando.

O n. 15, atirando pragas ao ar, descera, em chambre, para o andar terreo. O n. 16 e o n. 14 entraram a conversar, um pouco amedrontados. Eu esperava alguma cousa que não sabia o que fosse, mas que devia acontecer.

A' 1 e tres quartos, isto é, ao fim de quinze minutos de silencio, recomeçou o tinir metalico, e se prolongou, sonoro e irritante, até ás 2 e um quarto.

A esta hora, disse o n. 16 :

— E' de mais. Não aguento. Vou metter a cabeça debaixo do travesseiro, e saio.

O n. 14 disse :

— O bicho parou para respirar.

Com effeito, ás 2 e meia, o relogio repetio o estridular repinicado e retinio até ás 3.

— E o dono do relogio ? perguntei ao n. 14.

— Sei lá ! E' um exquisitão. Um inglez que tem um caminho de ferro.

Temendo que esses tinidos de hora morta aggravassem a minha neurasthenia, dirigi-me, no dia seguinte, ao inglez do despertador, o qual, tendo ouvido as minhas ponderações relativas aos seus repiniques nocturnos, disse-me :

— Costumo fazer, uma vez por anno, uma viagem de trem. Por isso, tenho esse despertador, que é um despertador teimoso para accordar os dorminhocos relapsos. Bate tres vezes pelo espaço de meia hora, com intervallos de 15 minutos.

— Mas, aventurei, si o amigo só viaja uma vez por anno, basta que o despertador bata uma só vez, por occasião da viagem, e não todas as noites.

O inglez objectou :

— Engana-se. Disse-me o relojoeiro que o despertador precisa bater todos os dias, para não enferrujar as molas.

Perguntei-lhe, então, se aquella campainha não o incommodava.

— Não me incommoda.

— O senhor tem bons nervos para escutar aquillo sem estourar de raiva.

— Mas eu não costumo ouvir a musica do despertador.

— E' impossivel, senhor.

O inglez, sereno, explicou :

— O despertador nunca começa a bater antes da 1 hora e eu nunca regresso á casa antes das 3.

Ficou sério e depois, severamente concluio :

— Si os senhores me encommodassem eu me mudava. Si os senhores não se mudam é por que o meu despertador não os incommoda, visto como os incommodados são os que se mudam.

MAL ENTENDU

— Filha !... Está tudo muito máo. E' preciso tomar providencias. Eu já estou estudando uns *cortes*.

— Ah !... E os de sêda !... são tão lindos !

A GUERRA EM FRANÇA

As tropas indianas, completamente equipadas, levando as suas metralhadoras para a linha de combate

Um sabbado perdido

Sabbado. Dia de gloria na Avenida Rio Branco, dia de gloria por ser dia de fita velha e *flirt* novo no cinematographo.

D. Julinha, desde a sua feliz aventura occorrida no sabbado transacto, espera este sabbado, anciosa para reatar a alegria amorosa interrompida, ha sete dias, por uma representação que se acabou á hora em que o jantar devia começar.

D. Julinha pretendia apparecer na Avenida Rio-Branco ás tres e meia da tarde, envergando, pela primeira vez, o lindo vestido *tango* que lhe veio da Europa na manhã da conflagração.

O dia amanhecera glorioso e cheio de sol. O vestido *tango*, de uma fazenda leve e de uma côr alegre, foi posto em cima da cama.

Ao meio-dia, porém, desabou, medonha, uma carga de agua. O *tango*, recolhendo-se ao guarda-vestidos, foi substituido por um vestido furta-côr de inverno.

A's duas horas parou a chuva e começou a renascer timidamente o sol. D. Julinha guardou o vestido furta-côr de inverno, e principiou a vestir o delicioso *tango*.

A mãe de D. Julinha observou :

— E' melhor que sáias com o azul, o *tailleur*, que serve para o sol e para a chuva. Olha, este sol não é firme.

— Não, mamãe, eu, a ir, quero ir decente.

A's tres horas, D. Julinha estava prompta. Mandou o irmão cuidar o bonde, que em seu remoto bairro, não era abundante.

A's tres e meia horas, o pequeno gritou :

— Ih vem o bonde.

D. Julinha empunhou a leve sombrinha côr de rosa, escutou o ribombo de um trovão e vio o sol dissolver-se numa catarata.

Meia triste, D. Julinha pensou :

— Isto passa.

Esperou meia hora. A's 4 começou a tirar o *tango* e ás 5 estava correctamente mettida no furta-côr. Mandou o irmão montar guarda ao bonde mas ás 5 e meia, quando o bonde appareceu, fazia uma bella tarde luminosa e meiga, e D. Julinha regressára ao quarto para trocar o *furta-côr* de inverno pelo *tango*, de primavera.

A's 6, no bello *tango* primaveral, D. Julinha ressurgio na varanda para esperar o bonde mas ás 6 e um quarto um pé de vento varreu a face do céo e novas ondas de chuva alagaram a terra.

Não havia tempo de vir á Avenida. Era tarde. Antes D. Julinha tivesse optado pelo azul, o *tailleur*, que serve para o sol e para a chuva...

As nossas cosinheiras

— Como devo annunciar á senhora que o jantar está na mesa ou que a senhora está servida ?

— Se você cosinha como fez hontem, deve antes dizer : a comida está perdida.

Os chronistas aos quaes, nesta cidade, o máo fado impõe o dever de grupar phrases em que se espelhem os acontecimentos constitutivos da vida elegante, poderiam reeditar alternativamente, mediante uma simples troca de nomes, as chronicas que publicaram nos primeiros tempos dessa galante tarefa de historiar a elegancia.

Nada conhecemos que, em materia de monotonia, equivalha ao que convencionamos chamar, no Rio de Janeiro, a vida elegante.

São, raras, as mesmas fidalgas manifestações de um reduzido nucleo de pessoas verdadeiramente finas; são, abundantes, as mesmas explosões de rastacuerismo expondo á luz a finura artificial da gente que se reputa *chic*.

Repetem-se, periodicamente, as mesmas festas, e, periodicamente, nas mesmas festas, estouram os mesmos escandalos.

Nem tudo é grosseria e corrupção na sociedade carioca mas a parte contemplada na excepção confortadora diminue de um modo impressionante emquanto os novos habitos e modernos costumes incompativeis com as antigas noções de austereza da familia brasileira, engrossam e transbordam como ondas invasoras derribando esses delicados principios de ordem moral em que, com a pureza dos lares, repousa a essencia de que se faz a grandeza das nações.

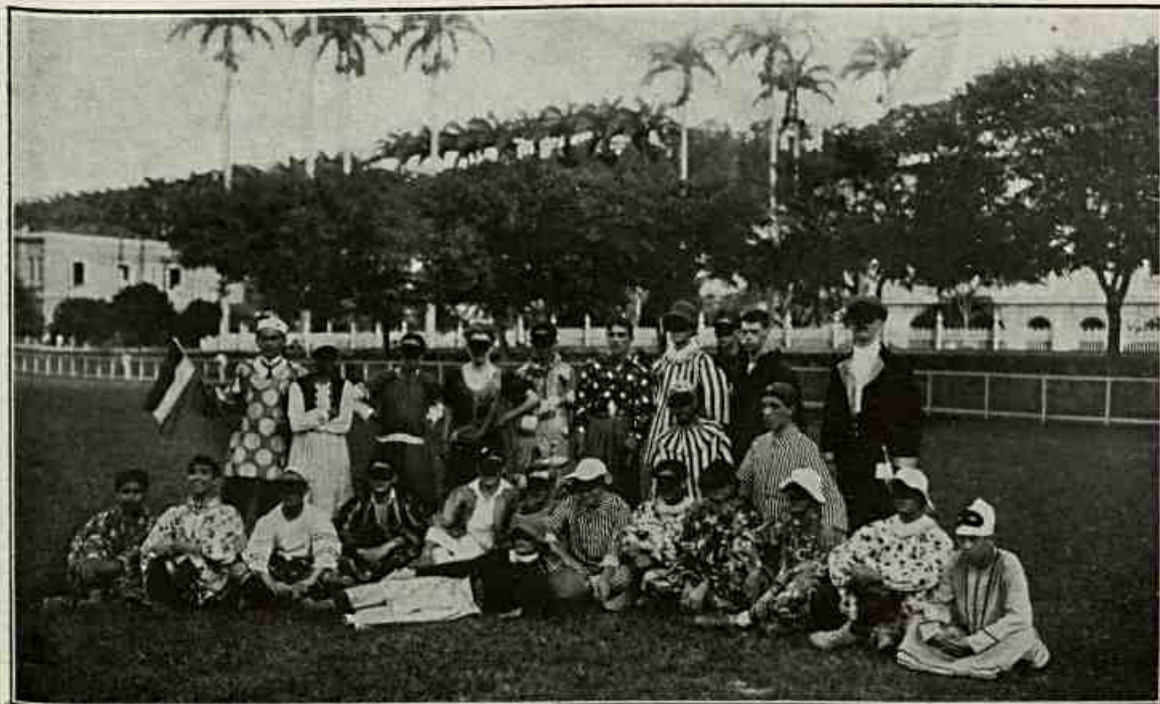
Se um sopro de bom senso não orientar para outro rumo os corações que se estão formando e a energia não alevantar o animo dos chefes de familia conscientes da tortuosa evolução — si assim podemos falar — da nossa moral, dentro de poucos annos, em nosso paiz, as palavras terão significado inverso e quem permanecer fiel ás normas de severidade perecerá sob o ridiculo dardejado sobre as suas virtudes por uma maioria irreverente.

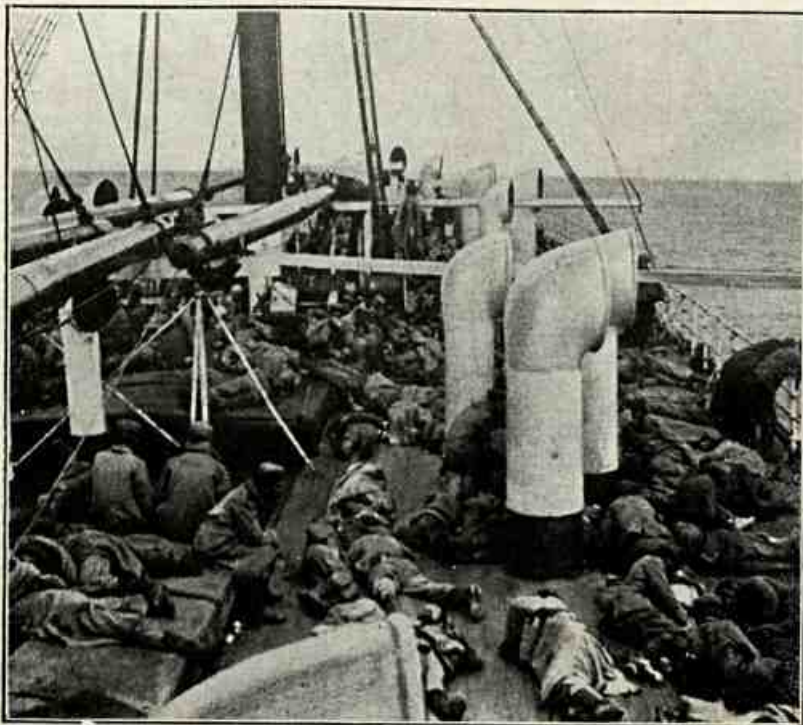
A corrupção dos nossos costumes politicos reflecte, infelizmente, uma outra corrupção a que nem todos os valentes do jornalismo têm a coragem de alludir...

Atravessamos um periodo de crise que não é apenas politica e financeira e que attinge á todas as classes...

Um literato que não entrou para a Academia, apezar dos seus desejos, definiu-a numa roda, em que alguem perguntava que é, e qual é o fim dessa corporação.

— A Academia ? E' uma sociedade de temperança... intellectual

Campo do Fluminense

Foot-Ball á fantasia, em beneficio da Cruz Vermelha, promovido pelo Collegio Anglo-Brazileiro.

A GUERRA

Transporte de 500 prisioneiros allemães para a Inglaterra

No sul, na região famosa do Contestado, o exercito é dizimado pelos fanaticos os quaes, por sua vez, são dizimados pelo exercito.

Este caso bizarro da revolução que agita o Contestado encerra um mysterio que o governo federal deveria desvendar antes de iniciar operações de guerra.

Porque, em tão vasta região, tão grande numero de brasileiros, de armas na mão, atira-se á guerra? Quem conhece os verdadeiros motivos determinantes dessa terrivel e sanguinosa rebellião?

Bem póde ser que, feridos por injustiças e despojados de direitos, não tendo quem lhes escute as queixas, os nossos patricios do sertão sulino empunhassem as armas dos bandoleiros e se insurgissem contra autoridades que não lhes assegurassem as garantias descriminadas nas leis...

Quem sabe si os *fanaticos* não têm razão? Si não a têm, que o governo o demonstre, não só para que o Brasil saiba por que se extermina aquelles brasileiros como para que os nossos soldados conheçam a causa pela qual se batem....

?

Os mexicanos recomeçaram a matança dos mexicados. O chefe da revolução constitucionalista que se levantava contra a dictadura de Huerta para restaurar as leis subvertidas pelos assassinos de Madero, achou que na hora actual o regimen mais conveniente ao desenvolvimento do Mexico é o do arbitrio e da tyrannia.

O velho Porfirio Diaz, saudoso dos seus tempos de cruel tyranno esclarecido, erra pelas terras da velha Hespanha e pelas terras da velha Hespanha erra o sanguinario Huerta, que foi um despota bronco, de curtas vistas e dilatadas guelas.

Os mexicanos, que ora recomeçam a matança dos mexicanos, foram mais felizes do que nós, que ha muito tempo não suspendemos a mortandade dos brasileiros.

O Ceará, apezar da arbitraria intervenção federal que ergueu um governo novo sobre as ruinas de outro, continúa a ser devastado pelas ferozes hordas jagunças abençoadas pelo padre Cicero.

A GUERRA

Vales com que os allemães fazem o pagamento do que adquirem nas regiões que occuppam na Belgica e na Russia.

AO AR LIVRE

O Principe de Belford

O homem que hoje se assigna Coronel Roxoroiz de Belford, tem, ou teve, um nome que já ninguem sabe qual é, ou qual foi.

No Brasil, os que o conhecem, costumam chamal-o o Roxoroiz e por mais que o Roxoroiz descubra bastardias ou legitimidades principescas que o levem a modificar o nome, nunca mais deixará de ser o Roxoroiz.

De vez em quando, o Roxoroiz surge nos *A pedidos* do nosso *Jornal do Commercio* ou nas columnas pagas das folhas européas, proclamando os seus titulos reaes.

Basta-lhe qualquer pretexto para essas exhibições.

No seu ultimo artigo publicado no Brazil sobre a sua nobreza e contra o Sr. Medeiros e Albuquerque, diz o Roxoroiz: «a familia brasileira de Belford, fundada por Lancelot Belford, quando em 1743 casou-se no Maranhão com uma descendente do rei Affonso III de Portugal...»

Por conta dessa anonyma, que o Principe diz descender de um rei, é que se operam as transformações do nome e se architecta o castello principesco do Roxoroiz.

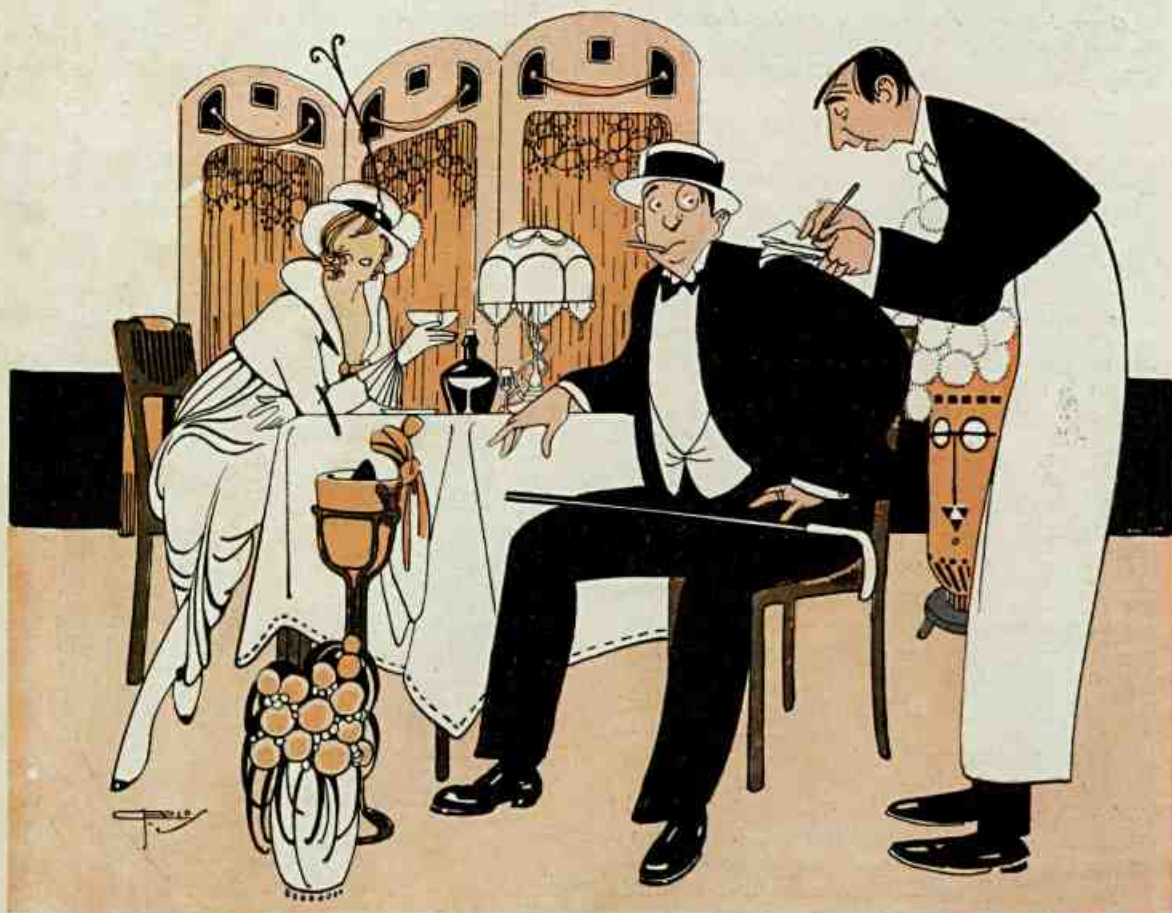
O nosso principe coronel parece que tem uma telha de menos. A sua prosapia real tem-lhe custado bons cobres. E' um gasto inutil determinado por uma mania inoffensiva.

Aquella descendente de rei, da qual o parente de Lancelot não sabe o nome, é uma dama cuja memoria merece um poema digno do seu anonymato.

Graças a ella, o Roxoroiz já é principe de Belford e eu tenho esperanças de que elle acaba provando que é filho de Dom Pedro II e legitimo herdeiro dos papos de tucano com que Dom Luiz pretende reabrir o Parlamento Imperial.

J. Falcão

Botofogo, 1914.

NO BAR

— Porque razão esse quintetto só toca maxixes chocalhados ?

— São ordens do patrão. E' preciso manter a neutralidade musical.

A GUERRA NA AFRICA

General Beyers, chefe revoltoso sul-africano

CHRONICA PARLAMENTAR

SESSÃO DE 30 DE NOVEMBRO DE 1914

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra o Sr. deputado Nicanor da Silveira.

O SR. DEPUTADO NICANOR DA SILVEIRA — Eu vos dirijo á palavra num momento solenne. Regressou ao seu lar honesto, depois de ter cumprido integralmente o seu dever...

VOZES — Protesto! Não appoiado! Fóra!

O ORADOR — Não desvirtuem o sentido das minhas palavras. Eu não fiz nenhuma affirmação insustentavel. (*Sussurro.*) Paciencia! Tolerancia! Eu queria, apenas, dizer que o homem a que me referia suppunha ter cumprido integralmente o seu dever.

UMA VOZ — Elle não podia suppor isso.

O ORADOR — Perdão, senhores, não envenenem as minhas palavras. Eu suppuz que elle suppuzesse...

OUTRA VOZ — O nobre deputado não devia fazer supposições absurdas.

O ORADOR — Senhores, eu oiço o nobre presidente da Republica falar em politica de larga tolerancia e é por isso que me refiro em termos generosos ao homem nefasto....

UMA VOZ — Desde quando o reconhece como tal?

O ORADOR — Desde o dia em que V. Ex. o reconheceu. (*Aquella voz emmudece para sempre.*)

O SR. PRESIDENTE — Peço ao nobre deputado que conclúa o seu discurso.

O SR. DEPUTADO NICANOR DA SILVEIRA — Eu corresponderei ao vosso appello, Sr. Presidente. Estamos em épocas de rigorosas economias, mas estas não devem chegar a comprometter os interesses vitaes do paiz (*sussurro*) symbolisados no bem-estar do presidente da Republica (*explosão de palmas.*) Pensando assim, Sr. Presidente, eu apresento á Camara um projecto mandando multiplicar por dez os honorarios do benemerito cidadão presidente da Republica. (*Palmas no recinto e assovios nas galerias.*)

OO □ OO

Um cabo, ciumento, chegando em casa, encontrou a mulher em palestra amistosa com o sargento. Num accesso de ira, o cabo puxa do sabre, mas a mulher exclama:

— Pára, desgraçado! não mates o pai de teus filhos.

OO □ OO

Desde que o apearam das eminencias supremas, o grande homem de um dia reatou o seu antigo methodo de vida, quebrado pela sua ephemera passagem pela região das grandezas.

Começou a viver como vivia nos tempos em que era o que devia ser: nada!

Em muitos postos, como, por exemplo, junto á poltrona do barbeiro e junto á mesa do restaurante, não encontrou pessoas conhecidas, mas empregados novos, aos quaes surprehende com a sua fina argucia.

Ha dias, num restaurante, no velho restaurante em que, outrora, tomava as suas refeições, quando, por qualquer motivo, deixava de tomal-as em casa, — o grande homem, depois de ter lido o cardapio que tinha entre os dedos, perguntou ao creado:

— Que é sopa de *oxtail*?

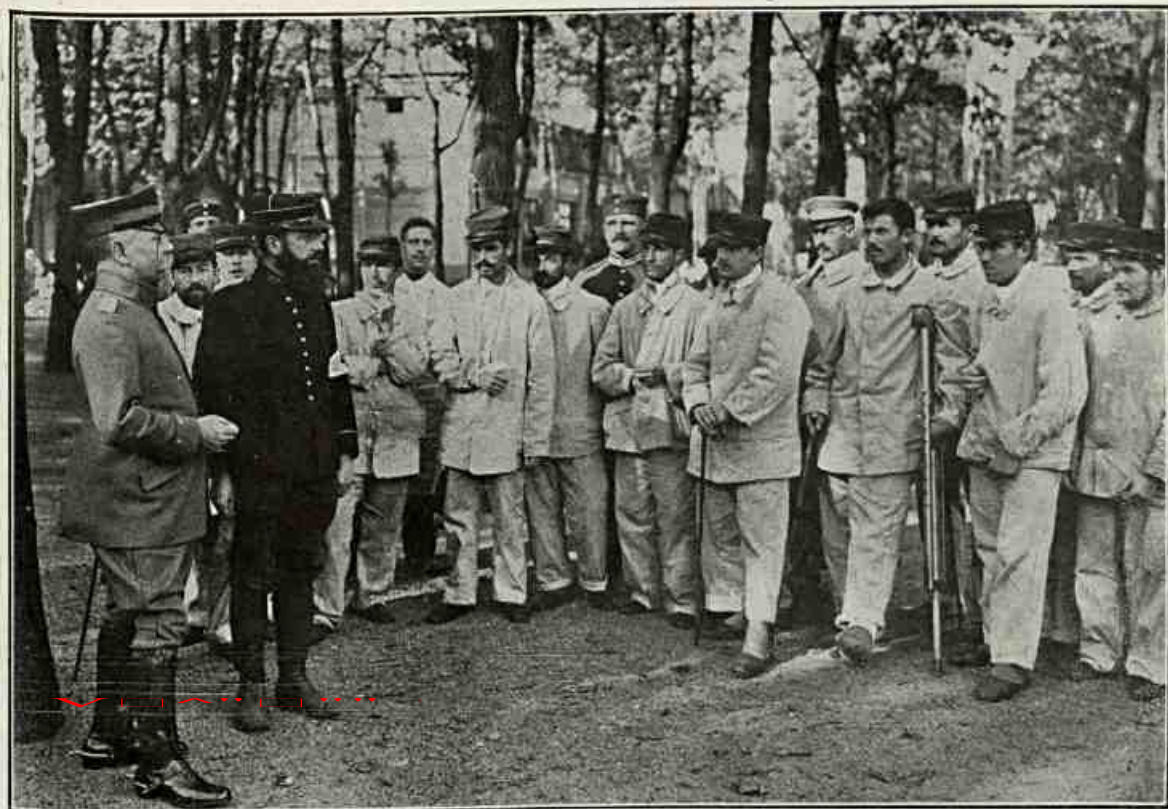
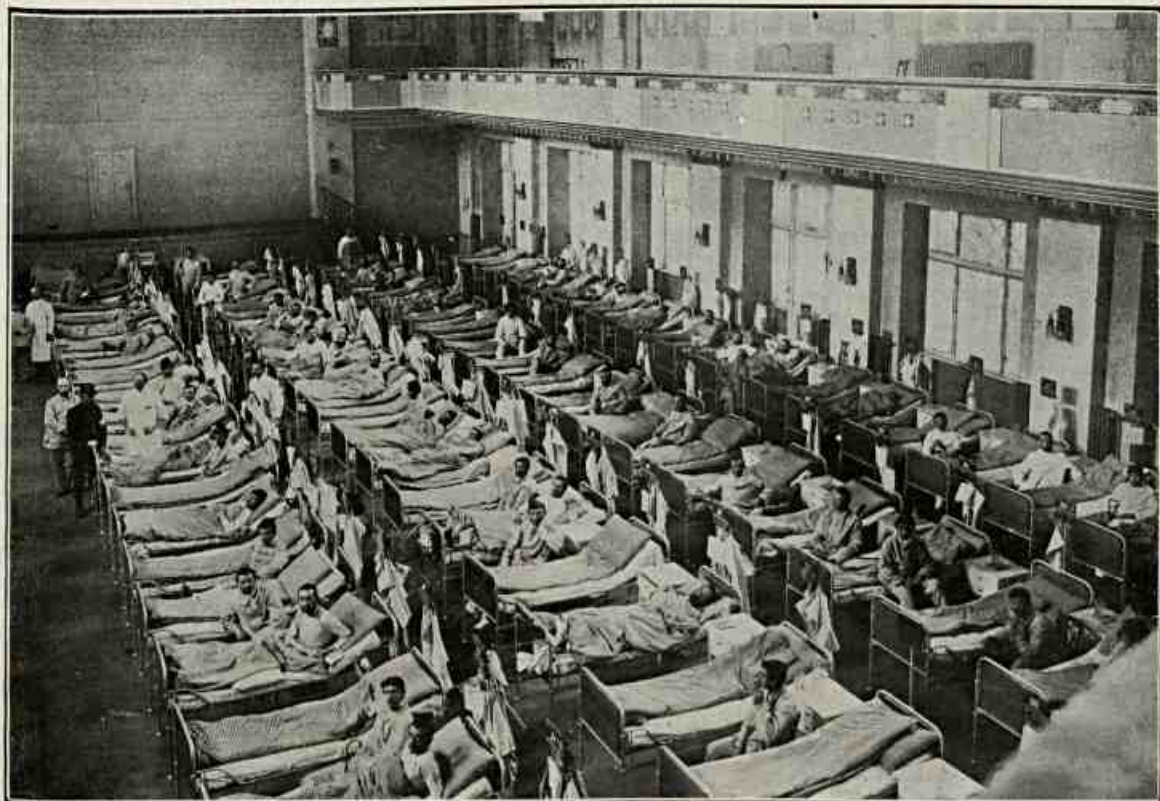
— E' sopa de rabo de boi.

O grande homem coçou a cabeça, e pedio:

— Quero um *ox-tail* de rabo de burro sem rabo.

A GUERRA NA AFRICA

General De Wet, o celebre chefe "boer", que, hoje, de acordo com os allemães, está em revolta contra o dominio Inglez na Africa do Sul.

A GUERRA

Um medico francez, prisioneiro, acompanhado pelo seus collegas allemães visita o hospital de sangue

Sala do hospital de sangue denominado "Mundo Novo" e em que estão os feridos francezes confiados aos cuidados do medico francez, prisioneiro, que se vê á esquerda

O baile de Carnaval

O Coelho teve um movimento brusco de enthusiasmo, agitando o jornal para o Sapo.

— Isto é que vae ser uma festa, compadre! Veja. Isto é que vae ser a primeira festa do Reino. Leia!

Era o decreto do rei Leão, promettendo a graça do titulo de par do Reino a quem se apresentasse no baile com a fantasia mais rica.

O Sapo arregalou os immensos olhos no jornal.

— Que pena tenho eu compadre, disse, de não ter agora uns cobres. Ia vestir-me tão ricamente que o par do Reino seria eu.

A festa de que falava o Coelho era o grande baile de Carnaval no palacio do rei. De todas as festas reaes era aquella a que mais interesse estava despertando na bicharia.

Mas tambem nunca se dera a festa nenhuma importancia como aquella. Bastava dizer que o Congresso havia votado uma verba illimitada para a pompa do baile. No Reino dos Bichos não se falava n'outra coisa. Dos confins mais remotos do mundo chegava a anciedade pelo grande dia. Tudo quanto era animal havia tirado as economias dos bancos para preparar-se para o baile. Dizia-se que fortunas enormes estavam sendo gastas em roupas sumptuosas.

As casas de modas, as casas de objectos carnavalescos não tinham mãos a medir. No estabelecimento da Aranha vendiam-se rendas sem conta; a rainha Flora recebera tanta encommenda de flores que, por um simples jasmim, estava pedindo um dinheirão; os Bichos de Sêda já não acceitavam encommenda nenhuma por não poder attender as que já tinham; as Ostras não davam vencimento aos pedidos de perolas; o Mar vendia coraes por preços que nunca vendera; as Entranhas da Terra ganhavam fortunas vendendo oiro e pedras finas; passaros pobres enriqueciam sacrificando, por dinheiro, as pennas brilhantes.

— Eu tambem tenho pena compadre, atalhou o Coelho. O diabo é que essa festa me veiu encontrar em situação muito pouco favoravel. Estou com a rabeca desarranjada; nunca estive em tão grossa pindahiba como agora. Se fosse numa outra occasião, eu mostrava a vocês a fantasia com que eu me ia apresentar. Fique você sabendo que seria de arromba. Tenho cá umas idéas que poria todo o mundo surpreendido.

— E' uma pena, compadre, acudiu o Sapo, estar uma creatura sem dinheiro, quando agora poderia habilitar-se a ser par do Reino. O Coelho coçava a barriga, tristemente.

— E você vae ao baile? perguntou.

— Sem duvida. O rei exige que todos os bichos compareçam. Você não viu no cartão de convite? Não faz excepção nenhuma. E' quasi uma ordem. Cada qual com a fantasia que entender.

E contou. Sabia que todos os bichos haviam sido convidados. E todos elles estavam dispostos a ir ao baile, desde os reptis que nunca tinham visto o sol aos peixes que nunca haviam saido das profundezas do mar.

— Não houve excepção, compadre, a secretaria do paço não se esqueceu de um só animal.

O Coelho passou-lhe o braço pela cintura e foram andando pela rua.

— Qual é a sua fantasia?

O Sapo não sabia ainda. Estava sem dinheiro e não podia entrar em gastos. Naturalmente uma coisinha simples que não fizesse má figura...

Era o que o Coelho pretendia tambem fazer.

Chegaram a loja da Patativa. Estavam a porta o Morcego e a Lagartixa.

— Estão se habilitando a ser par do Reino? perguntou o Sapo por troça.

O Morcego tinha um embrulho debaixo do braço.

— Já cá está a minha fantasia para o baile, disse.

Quizeram todos saber o que era. O Morcego fugia, sorrindo e brincando. Não, não, era segredo! Afinal, aos ouvidos do Coelho, pedindo muita reserva, confessou. Um par d'azas apenas! Era uma fantasia exquisita com que ia intrigar o pessoal na festa.

E puzeram-se a falar do bicho.

A Lagartixa se até lá pudesse resolver uns certos e tantos negocios ia concorrer ao premio que o rei Leão promettia no decreto.

— Eu nem penso nisso, confessou o Morcego. Nós outros bichinhos pobres nem devemos pensar nisso. O premio ha de ser para os bichos ricos.

E falou-se no decreto real. Era muito mal feito, affirmou o Coelho. Que promettia o decreto? Um titulo de par do Reino a quem se apresentasse com a fantasia mais rica. Era, portanto, um premio para quem fosse milionario. Devia haver um outro para a fantasia mais original. Um bicho podia ser pobre e apresentar-se com uma fantasia tão exquisita, tão extravagante que podia ser a nota mais interessante.

— Não acha você, compadre? disse voltando-se para o Sapo.

— Perfeitamente. Eu, por exemplo, que tenho cá uma idéa sobre uma fantasia que criei, poderia perfeitamente ter uma graça do rei.

A loja da Patativa cada vez mais se enchia. Era a loja mais afamada da cidade. Toda ella agora era um grande bazar carnavalesco: mascaras dependuradas pelas paredes, pelas portas, pelas estantes, roupas de todas as côres e feitios exoticos estendidas por cima do balcão, guizos, pandeiros, tambores e apitos nas vitrines atulhadas.

O Morcego lembrou o enthusiasmo que ia pela cidade e por todo o Reino. Era a festa mais ruidosa que a historia da Bicharia tinha noticia.

E, chegando-se para os camaradas, com a voz cheia de misterios:

— Vocês viram como estava a comadre Patativa?! Mal, tão mal que já se falava que ia abrir falencia. Pois ainda ha pouco ella me acabou de affirmar que, nestes dias, depois que se começou a falar no baile, tem ganho por tres annos juntos.

A noticia da rapida prosperidade da Patativa arrancou exclamações de espanto de todos os bichos.

— Foi o que ella me disse ha pouco! insistiu o Morcego. E não é para menos. Vejam como isto está cheio! E é de manhã a noite esta freguezia estupenda!

O Coelho mudou o rumo da conversa. Era pena que os bichos não soubessem guardar o segredo das suas fantasias. O interessante seria que cada qual constituisse uma surpresa.

— E alguem vive dizendo como vae fantasiar-se? indagou a Lagartixa.

— Muita gente! gritou o Sapo, impedindo que o Coelho falasse. Eu por exemplo sei que o Cameleão mandou fazer uma roupa que muda de côr. A Cascavel vae com um vestido côr de oiro velho e um chocalho para bater quando dançar. A Zebra vae com roupa raiada; o Porco-Espinho conta a todo o mundo que a sua fantasia é toda de alfinetes.

O Coelho sabia de muito mais. A Lontra vivia a gabar-se da maciez velludosa do vestido que mandara fazer; o Papagaio tagarelou por toda a parte sobre a belleza do seu manto auri-verde; o Pica-páo mostrava a Deus e ao mundo o pennacho vermelho que levaria no capacete; o Cysne não se cançava de elogiar a sua bella capa, toda de setim alvissima, de uma alvura de offuscar e seduzir.

— E é só? Não, Vocês já se encontraram com o compadre Tucano? Encontrem-se e vejam se elle lhes não mostra um bico enorme que mandou fabricar de proposito para o baile. Já estiveram com o Perú? Não o ouviram falar de uma ventarola que elle está confeccionando para pôr á cauda? Já foram á casa do Espadarte? Pois vão que elle mostrará uma grande espada luzente toda cheia de serras. E só? Muito mais. O Gallo já se apresentou aos intimos com a crista e as espóras com que vai á festa. A Borboleta só falava no seu magnifico traje multicôr, pintado a capricho pelos mais surpreendentes artistas da Natureza. O Corrupião já estava positivamente cacete com os excessivos elogios que fazia a sua toilette matisada; o Pyrilampo não se cançava de contar o que gastara num brilhante purissimo que comprara para levar á testa.

— Ora, vocês comprehendem que isto não é decente, concluiu o Coelho. O interessante nestas coisas é o segredo, é a surpresa.

— Qual a opinião de vocês? perguntou a Lagartixa. Quem irá ganhar o premio?

O Sapo jurou que seria o Faisão. Uma creatura rica, com tantas propriedades e tanto gosto...

O Morcego dizia que não. Apostava que seria a Ave do Paraiso. Era muito mais rica que o Faisão e tinha muito mais gosto. Bastava ver os vestidos com que ella se apresentava nas festas do paço.

— Eu jogo tudo no Cysne, atalhou o Coelho. Posso affirmar que a capa branca com que elle vae ao baile é opulentissima.

Viriato Corrêa

(*Continúa*)

Guerra aos automoveis

— E' exacto, minha senhora. Eu ando agora a pé e, por força de habito, parece-me sempre que vou de automovel.

— E' então, o que se pode chamar: Auto-suggestão.

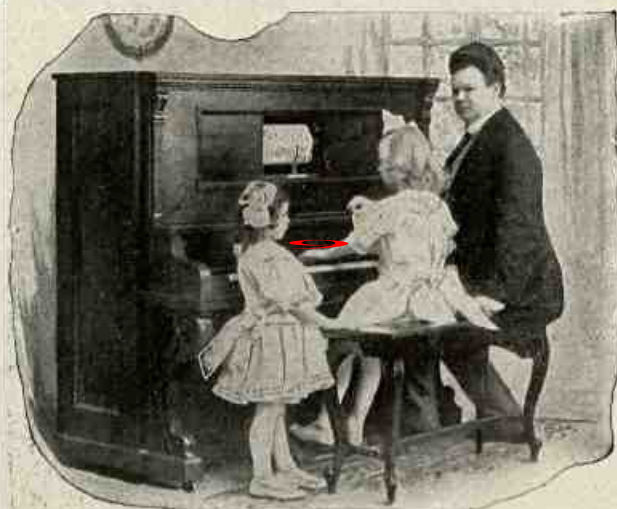
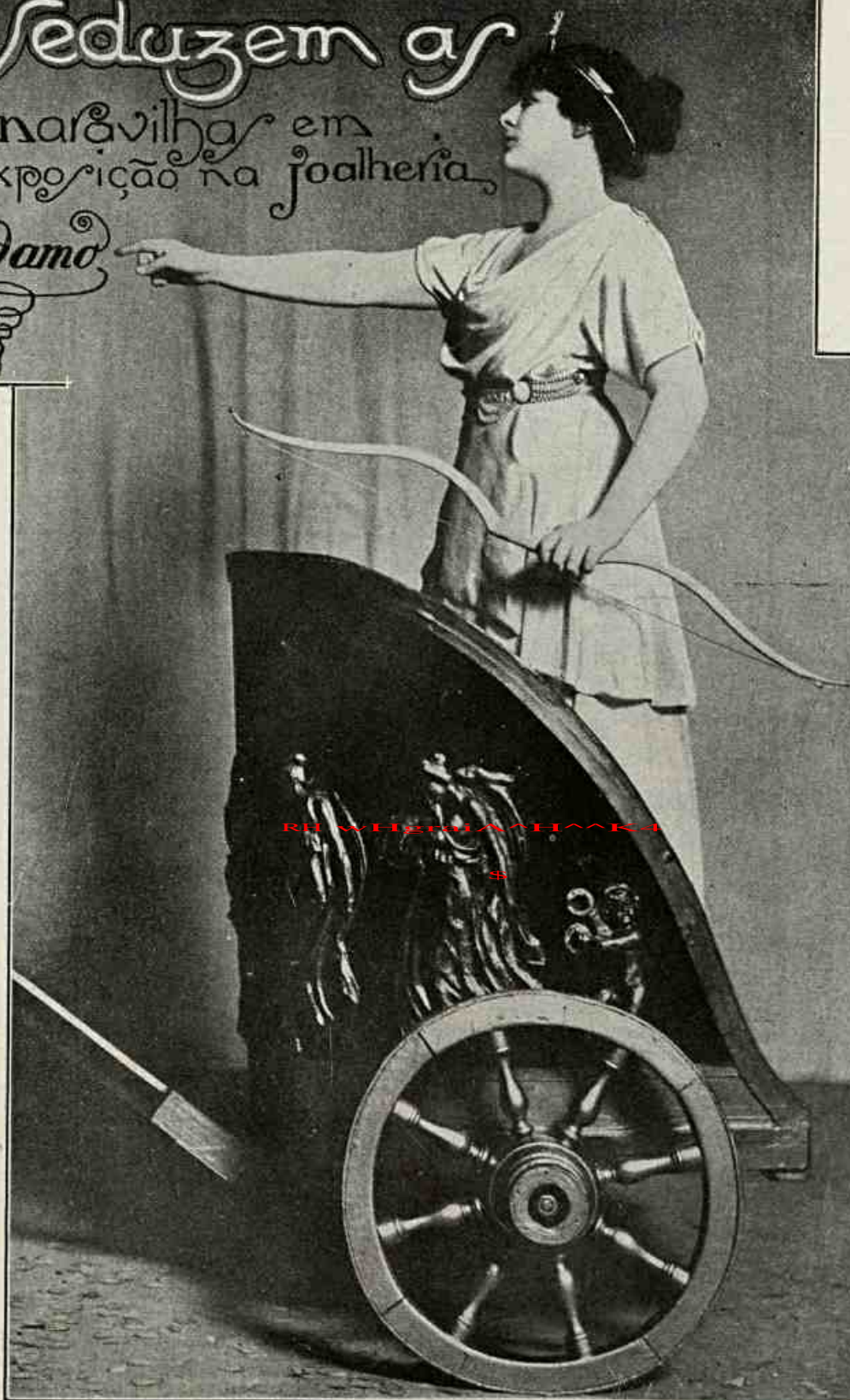
Explicação actual

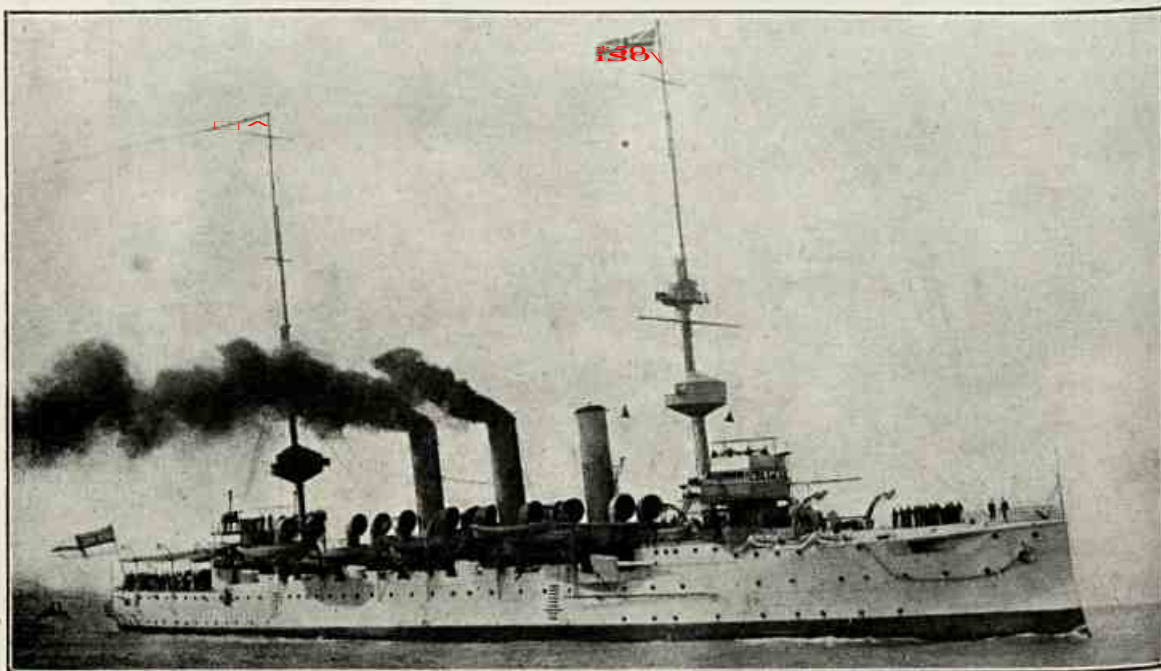
Um collegial, que se está iniciando na Historia, voltando outro dia do collegio, perguntou ao pai:

— Papai, que é que distingue a barbaria da civilisação ?

— Barbaria, meu filho, é cercar um sujeito na estrada, agarral-o e passar-lhe a faca no pescoço. Civilisação é matar aos milhares, com canhões que atiram a duas leguas de distancia, entrar nas cidades, fuzilar velhos e crianças, saquear as casas e pôr-lhes fogo...

E' de calcular que, depois da explicação, o pequeno ficasse com mais vontade de ser barbaro do que civilisado.

Foi preso em Pernambuco, pela policia do Sr. Dantas Barreto, o celebre bandido Antonio Silvino, primo do deputado Simeão Leal.

O Grande Triumpho da Joalheria ADAMO é devido á sua incomparavel variedade e gosto Artistico

A GUERRA NO MAR

Hermes, cruzador inglez torpedeado em Dover, por um submarino allemão.

Pela Marinha

Não sabemos si na pasta que trouxe do outro governo, o almirante Alexandrino encerra algum novo programma em que se condense a sua megalomania naval.

O novo governo, em que o almirante se encartou, annuncia, pela voz do seu chefe, que o Brasil vae entrar num periodo de severas economias. Com estas é incompativel o temperamento perdulario do ministro da Marinha. Se ellas se estenderem ao seu departamento, estancar-se-á uma fonte de despezas inuteis por que são feitas sem nenhuma orientação.

A Marinha pode supprimir verbas sem prejuizo das suas necessidades vitaes e não precisa de fazer novos dispendios para se preparar e adextrar para o cumprimento eventual dos seus deveres.

Os nossos officiaes, alem de serem homens de brio, são profissionaes competentes e os erros administrativos que os encheram de desgostos não os incompatibilisou com a carreira que abraçaram.

O material vale muito numa marinha de guerra, mas o seu valor depende da competencia dos officiaes e do preparo das marinhagens.

Com os nossos excellentes officiaes e com o nosso material naval, abundante e anarchicamente reunido, poderemos educar os marinheiros que nos faltam, sem comprometter as finanças.

Com um pessoal apto, em qualquer momento, adquirindo um bom material, constituiremos uma bôa marinha.

Com um pessoal inapto, possuiremos o *S. Paulo* e o *Minas Geraes* e continuaremos a ser o que somos : uma marinha que tem excellentes officiaes, invadidos pelo desanimo e poderosos mastodontes com as guarnições incompletas.

DOMINGOS AYRES

Tapéra, Novembro 1914.

Entre maldizentes

— Meu Deus! será mesmo o Alves, aquelle que alli vem de braço com uma velha tão feia ! ?

— E' elle mesmo.

— Mas, quem é a velha ?

— E' sua noiva ; uma viuva riquissima. Repara-lhe o mundo de joias caras que traz.

— E' verdade ! Porém, eu te juro que por cousa alguma eu me apresentaria em publico com semelhante monstro.

— No caso d'elle, farias o que elle está fazendo.

— Como, assim ?

— Não ha no Rio quem tenha mais *credores* que o Alves, e elle passeia com a noiva para os amansar.

ORACULO

Domingo — O general Pinheiro Machado adormecerá em Campos.

Segunda-feira — O presidente Wenceslão terá um pesadelo no Palacio Guanabara.

Terça-feira — O vice-presidente Urbano terá um sonho em Botafogo.

Quarta-feira — O ministro Sabino sonhará que entrega a pasta ao Sr. Rivadavia.

Quinta-feira — O ministro Caetano sonhará que está preso a bordo.

Sexta-feira — O almirante Alexandrino julgará que é ministro do Sr. Urbano.

Sabbado — O ministro *Chimarrita* comprehenderá que volta a ser *Chimarrita* sem pasta nem ordenança.

Mme. de Thebes

Os nossos creados

— Disseste áquellas senhoras que eu não estava em casa? pergunta a dona da casa á creada.

— Sim senhora.

— E que disseram ellas ?

— Exclamaram : que sorte !

VIDA NOVA

— O' mamãi, porque é que ha tanta gente desoccupada passeando na avenida.

— E' a lei do recúo que a prefeitura poz em pratica para alargar as suas economias.

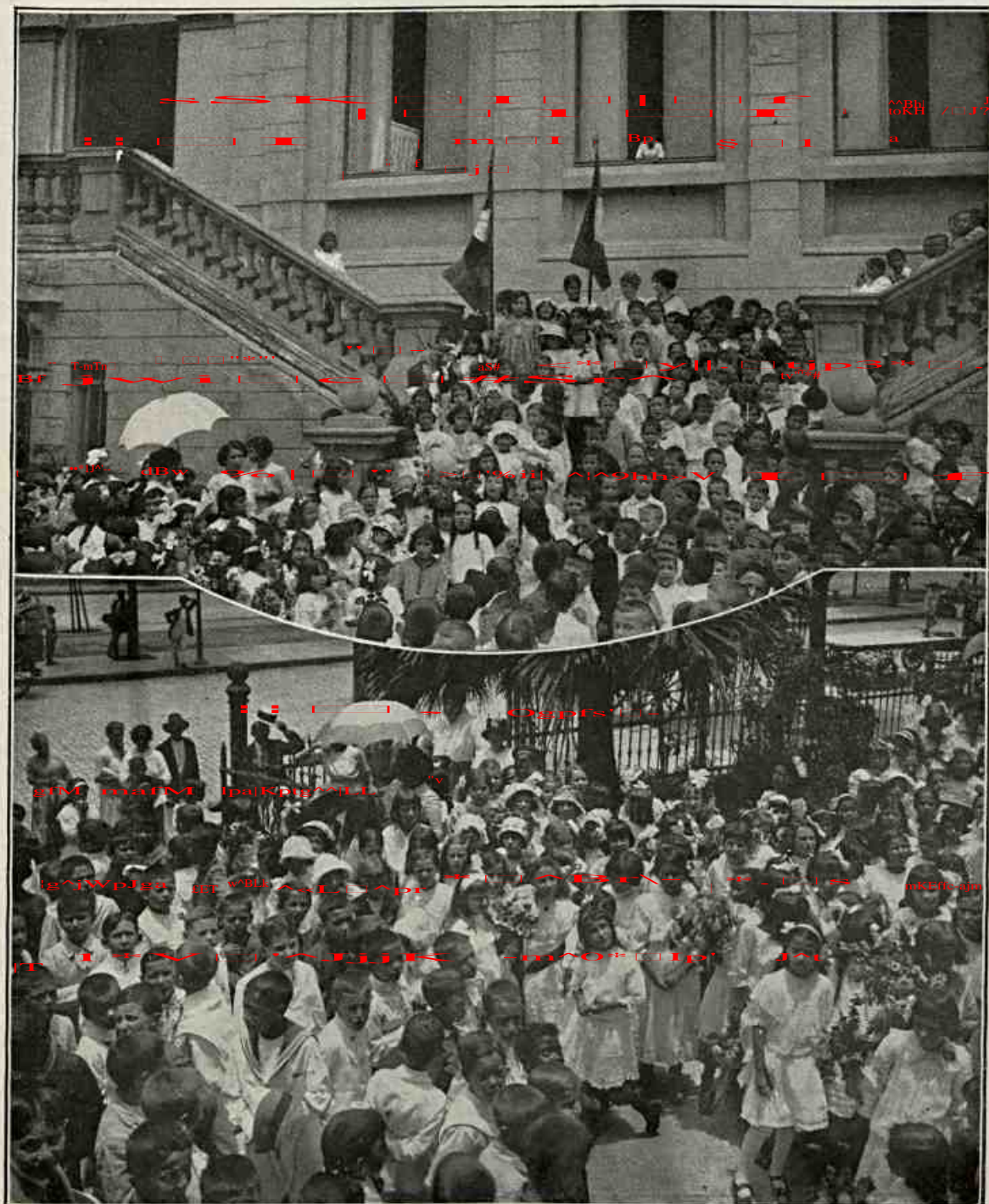
Poucos dias antes de morrer, uma dama que tinha vivido bastante e reinado nos salões, se mostrava pensativa.

— Em que está pensando? perguntaram-lhe.

— Estou com saudades de mim.

Segundo calculos que a *Deutsche Tageszeitung* considera exactissimos, a guerra custa á Allemanha, mensalmente, 848.750:000 francos.

Esse algarismo augmentará gradualmente devido ao custo crescente das munições de guerra e bocca.

Escola Prudente de Moraes

Festa da bandeira

ARCHIVO UNIVERSAL

Algumas senhoras, que se multiplicaram rapidamente e constituem já uma legião, formaram a *Cruz Azul*, destinada a soccorrer os cavallos feridos na guerra.

A nova *Cruz* merece os mais calorosos incitamentos. O cavallo é um nobre animal e quando tem só dois pés pode chegar ás mais altas posições da sociedade humana.

O cavallo que se mantem na cathegoria classica dos quadrupedes, mesmo que a vulgaridade do homem não o estude, possúe virtudes heroicas e sentimentos affectivos.

Nos trabalhos ruraes, é frequente ver-se o cavallo aguardar pacientemente que se levante, para de novo montal-o, o desastrado cavalleiro que se desmontára ao transpor, num salto audaz, um barranco ou um desses buracos a que os gaùchos, no sul, dão o nome de *cova de touro*.

Na guerra, o heroismo do cavallo não é inferior á bravura do homem e só quando o medo descora as faces á este é que o panico desbocca e allucina aquelle.

Numa das ultimas revistas extrangeiras chegadas do velho mundo, ha uma gravura que empolga e entristece, mostrando a união do cavallo e do cavalleiro na hora negra da derrota.

Pelos campos da Gallicia, como as aguas incontidas de um oceano, haviam rolado, em avalanches verdadeiras, as ferozes massas dos cossacos. Milhares de cadaveres e centenas de feridos golpeados a sabre e pisados pela pata veloz dos corceis tartaros cobriam as planicies da Hungria.

Desmontado por um golpe que lhe attingira a cabeça, com a face rubra de sangue, perdido o capacete e sem força para erguer o gladio, um official hungaro, dos Hussards, encostou-se a uma arvore, moribundo.

O seu cavallo, porém, não o abandonou. Correu para elle, numa attitude humana de dedicação, como que lhe offerecendo o soccorro prompto da fuga. Com a morte na face, comprehendendo a grandeza daquella obscura alma cavallar, o moribundo acarinhou com a mão tremula o focinho humilde do seu ultimo amigo.

Os nossos fantasistas

O Xabregas entra em um restaurante para jantar. Lá pela altura do assado elle encara o creado e diz :

— Diabo ! A tua cara não me é desconhecida. Mas não me recordo onde foi que te vi.

— Pode ser. Eu porem é que não me recordo de ter visto ao senhor.

— Ah ! Espere. Já sei. Foi você quem me serviu a sopa. E' isto.

A morte de um homem generoso

Enterro do banqueiro Bricola que deixa 8.000 contos á Santa Casa

COMO SE DESENVOLVE UM PEQUENO ESTABELECIMENTO

No anno de 1868, em um mez primaveril e ao som de maviosos cantares de tico-ticos e outros passaros, assiduos frequentadores d'aquelles bellos arvoredos que ornam a Praça 11 de Junho, bem em frente ao n. 154 da rua Senador Euzebio, inaugurava-se uma pequena casa commercial com o suggestivo titulo de CASA SILVA, éra de pequeno aspecto, de construcção antiga e de pouca apparencia. Foi seu fundador o Sr. Antonio Pereira da Silva, annos depois o seu proprietario não podendo estar atesta do negocio, passou ao seu irmão e socio Seraphim Pereira da Silva, que depois passou a direcção da casa ao Sr. Joaquim da Silva Azevedo, um dos seus mais antigos empregados pois que, já contava mais de 30 annos de bons serviços, esta administração durou muito pouco tempo, apenas 2 annos: e a CASA SILVA continuava na mesma. O Sr. Seraphim Pereira da Silva como portuguez de nascimento e brasileiro de coração, resolveu tomar a resolução de entregar a administração de seus bens ao seu filho, tambem Seraphim Pereira da Silva Filho, e partir para o Porto sua terra natal. O Sr. Seraphim com a sua actividade e intelligencia não desmereceu a confiança de seu pai, e hoje a CASA SILVA, de um predio velho de má apparencia, transformou-se em um lindo predio estylo "manuelinho" e póde-se dizer sem rebuços que, a CASA SILVA, é um dos maiores armazens de fazendas, roupas feitas e sob-medidas, camisarias e roupas brancas da Praça 11 de Junho. A CASA SILVA attende a qualquer pedido do interior apenas com o accrecimo do pórte: portanto leitores amigos uma visita á CASA SILVA é uma economia de 50 %. — Todos á CASA SILVA.

Interior dos grandes armazens da CASA SILVA, vendo-se o seu proprietario e mais empregados.

Esta contam como authentica, e passamos adeante com as devidas reservas :

Encontrando Emilio de Menezes em uma recepção official, disse-lhe o senador Pinheiro Machado :

— Emilio, preciso que me dês umas lições de metrificação e de poetica.

— Para que ? perguntou o poeta, surpreso.

— Preciso entender um pouco do riscado, para poder julgar os sonetos e poesias que estão sempre a me offerecer ; respondeu o senador gaúcho.

— Não é necessario ; voltou o poeta. Quando lhe trouxerem um soneto dedicado, depois de ouvir a leitura, V. Ex. póde dizer que não presta, que não ha perigo de errar.

A' porta do Castellões

— Então morreu o Manoel ?

— E' verdade ; venho do enterro.

— De que morreu elle ?

— Não se sabe. Os medicos não atinaram nunca com a molestia. Conferenciaram 3 ou 4 vezes e... nada.

— E' curioso. Pobre rapaz ! Antes de morrer nunca se chegou a saber de que vivia ; morre, e não se chega a saber de que morreu !

Recebemos *A vergonha e o cynismo*, poema, em 2ª edição, do poeta Sr. Sampaio Junior.

Nossos mendigos

Um cidadão absorto em mil pensamentos graves sobre a carestia da vida, atravessava uma das ruas da nossa capital, perseguido por um desses pequenotes azarentos que a industria da mendicidade atira sempre ao nosso caminho.

— Uma esmolinha pelo amor de Deus! Minha mãe está de cama a morrer de fome; meu pae está no hospital com as duas pernas quebradas; tenho 45 irmãozinhos todos elles de menor idade; tenha pena de mim meu senhorzinho. Nossa Senhora da Penha lhe dará a sorte grande.

E ia por ahi alem. O transeunte aborrecido com a choradeira, depois de tentar por mil meios e modos escapar á perseguição, bradou afinal exasperado:

— Mas com mil demonios! Vae-te catar, estafermo!

— Sim senhor, eu vou. Então me dê um tostãozinho para comprar o pente.

Exclamava no pulpito um pregador:

— Admirai, meus carissimos irmãos, a força de Sansão; com uma queixada de jumento elle passou mil philisteus a fio de espada!

Opiniões femininas

D. Florencia é viuva. E' viuva e bonita. E' bonita e intelligente.

Por ser viuva não tem um marido que lhe apoquente a existencia nem que lhe dirija os negocios.

Por ser bonita, D. Florencia gosa das sympathias de muitos cavalheiros e conta com a antipathia de outras damas, de varios estados.

Por ser intelligente, D. Florencia escolhe com competencia os seus vestidos e é ouvida com respeito nos salões.

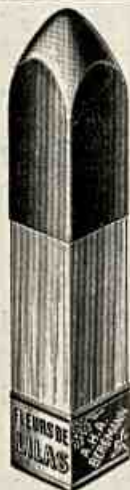
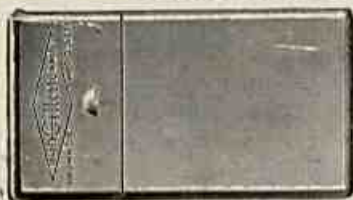
Ha dias, num salão, cercada de homens distinctos e senhoras finas, depois de haver encantado a todos com as suas felizes observações sobre o mundo e sobre a vida, D. Florencia concluio philosophicamente:

— Os homens são despreziveis.

Os distinctos cavalheiros ficaram lividos. Uma linda senhorita, babando-se de riso admirativo, perguntou:

— E as mulheres?

Calma, D. Florencia respondeu:

— As mulheres... são como os homens...

Dous destinos...

«Verlorene Liebesmüh!»

(*A' Mademoiselle Ruth*)

Qual um limpido lago das alturas
Afigura-se, ingenua e mansa, a vida
De Alguem, que entre sorrisos a alma fida
Aos céus levanta e vive em auras puras...
Mas de outro Alguem è mar de luctas duras,
A existencia em continua, amarga lida,
Por inclemente vendaval batida —
Onde estiolam do amor as doces juras!
... E o mar que nunca o longe lago alcança,
Lá em baixo a rugir na lucta vive,
Saudoso sempre da labil bonança!
Eis, Senhora, da vida a véra imagem —
Inda a vossa alma em altivez se esquive,
Eterno um peito estruja... em vã miragem!

Walter de Azevedo

Rio, 1914.

Sherlock

— Um charuto!... Fumegando ainda!... O Herculano passou por aqui.

Uma de Santos Dumont

Contam de Santos Dumont, o nosso genial aeronauta, que uma vez, no interior de São Paulo, foi depôr como testemunha em um processo relativo á contestação de um testamento e, durante o seu depoimento, foi bastante apertado pelo interrogatorio de um dos membros do tribunal.

— Ora, queira dizer-me, — perguntou-lhe este, referindo-se ao testador, — o Sr. Fernandes não tinha o costume de falar comsigo mesmo, quando estava só?

— Declaro que não sei, respondeu Santos Dumont.

— Mas, o senhor declarou antes, no inicio do interrogatorio, que era amigo intimo do testador. E' impossivel, portanto, que ignore se elle tinha o habito de falar quando estava só.

— Repito que não sei, e comprehende-se facilmente que assim seja, porquanto eu nunca estive na sua presença quando elle estava só.

EM CHEIO

Um *poeta* mettido a catita, recitador de frioleiras nos salões elegantes, ha dias, n'um baile, aproximou-se de um grupo de senhoritas e abriu os diques da imbecilidade.

As senhoritas divertiram-se muito com o *poeta* e, uma d'ellas que já o conhecia bastante, resolveu dar-lhe o tiro de honra :

— O senhor é realmente um bello litterato, mas, se me perdôa a franqueza...

— Oh ! pode dizer...

— ... tem um grande defeito, segundo estou informada.

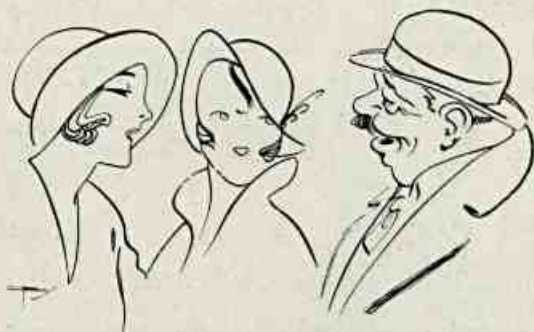
— Qual ?

— Dizem que o senhor se orgulha de não acreditar em nada.

— Eu ! minha senhora ! creia V. Ex. que nunca disse semelhante cousa ; o que eu digo sempre é que não acredito senão n'aquillo que comprehendo.

— Então ha de concordar que vem a dar no mesmo.

O *poeta* «resplandeu.»

Um preparado

— O' *seu* Simplicio. Porque razão algumas pessoas dizem *ôito* e outros dizem *óito.*

— E' simples, minha senhora. *óito* é plural e *ôito* singular.

— E a senhora é muito medrosa, D. Escolastica ? perguntara uma visinha á viuva Beldroegas.

— Muito, muito. Se accordo á meia noite e ouço bater o relogio, fico com um receio doido que me appareça meu marido.

— A meia noite ? Pois a senhora não se lembra que elle nunca se recolheu antes das 2 da manhã ?

Uma de Dumas, filho

Na noite da primeira representação da *Extrangeira*, uma actriz subalterna, porém, lindissima, e cujo marido passava por inqualificavelmente complacente, e por não ser mais que uma firma social, disse a Dumas, apresentando-lhe um pequenito de dois annos:

— Veja, Sr. Dumas, como é lindo o meu filhinho. Não imagina como é esperto. Já chama meu marido: *«papá !»*

— O que ! tão pequeno e já mentiroso !

Entre amigas

— Que lêste ahi no jornal que te fez rir com tanto gosto ?

— A transcripção das opiniões de um velho sabio francez.

— Mas, que diz elle ?

— Diz que os beijos são perigosos por causa dos microbios que transmittem de bocca á bocca. Eu tenho beijado todos os meus namorados e, como vês, ainda não morri.

— E elles ?